Ler a Paisagem

Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores

MUSEU DE SINES

Ler a Paisagem

Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINES, 2008

PRESIDENTE

Manuel Coelho Carvalho

CONCEPÇÃO

Ricardo Estevam Pereira

COLABORAÇÃO

António Campos / Luísa Bruno

REVISÃO

Cristina Neiva Correia / Luísa Bruno

DESIGN GRÁFICO

Artlandia/Beatriz Horta Correia

FOTOGRAFIA

Sofia Costa / José Manuel Costa Alves / Ricardo Pereira

IMPRESSÃO

M2 Artes Gráficas L.da

ISBN

Depósito n.º

AGRADECIMENTOS

António Martins Quaresma

Arquivo Histórico Municipal Arnaldo Soledade – Sandra Patrício

Assírio & Alvim

Centro Cultural Emmerico Nunes

Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja – José António Falcão

Maria do Rosário e Luís Alvellos

Museu da Cidade, Lisboa

Paróquia de Sines – Padre José Fernandes Pereira

Arquivo Nacional da Torre de Tombo

Projecto co-financiado

União Europeia
FEDER

Programa
Operacional da Cultura

Planta da vila de Sines, Descrição do Reino de Portugal, fl. 68
Alexandre Massaii
Inícios do Século XVII
Lisboa, Museu da Cidade

s denoso G Nossa Sorã das alas — H Lojeas dos pesquadores — I Calheta Velha aqu-
ál a de esquar mais larga e mais comprida como se disse por relação —
K Penedo álto 200 palmos q̃ serue de muro á a Calheta — L Penedo baxo em su-
perfície da preamar sobre o qual se ade fabricar o q̃ a Calheta se acrescenta —

M Saõ Sebastiaõ — N. P
do portál — P Mar de
Aonde estão os numeros
meja mare de agoas viuas
hua —

Anoitecer em Sines,
Nikias Skapinakis, 1963
Óleo sobre tela
Museu de Sines, Inv. MS 3
Legado José Miguel da Costa

O concelho de Sines revela-nos paisagens de uma rara beleza, construções da natureza e do trabalho laborioso do Homem. Porque não olharmos para estas paisagens como um cenário povoado de obras de arte, como quem olha um quadro ou lê um livro, ouve uma obra musical ou aprecia uma escultura. Quantas histórias elas nos podem contar; quantas visões e inspirações para a vida.
Muitos escritores, poetas, músicos, pintores, fotógrafos, entre outros, foram sensíveis a esta questão e nos "traduziram" nas suas obras este discurso de um território habitado desde remotos tempos. Em suma, oiçamos aqui os ecos, as vozes do passado milenar e secular, deliciemo-nos num êxtase do nosso olhar sobre a obra da natureza e o labor genial dos homens que esculpiram e cunharam este território e esta terra.

A cultura e as artes como componente de primeira ordem da cidade, como factor de identidade local e de desenvolvimento tem sido uma das nossas prioridades, patente num Centro de Artes dinâmico e diversas vezes premiado, numa Escola das Artes cheia de vida e criatividade, num Museu a crescer num Castelo recuperado, sob a força telúrica de Vasco Gama, assim como num planeamento cuidado do território, com um PDM em revisão, um planeamento estratégico da cidade, desta cidade plena de potencialidades e diversos planos específicos a serem implementados, para a qualificação da cidade e o rasgar dos caminhos do futuro.

Todas estas nossas preocupações se entrecruzam neste livro: nele se compila um pouco do melhor de um passado que nos inspira e do qual nos orgulhamos, das obras de escritores, artistas e arquitectos, em harmonia com uma natureza que foi generosa na sua quota da beleza, e os Homens que aqui construíram as suas vidas e as suas obras e assim contribuíram para o enriquecimento e engrandecimento desta terra.

Esperamos que esta obra seja um incentivo à contemplação e assimilação destas riquezas, à criação e ao sonho de uma cidade cada vez mais cosmopolita, criativa, humanista e solidária.

Com esta obra procuramos ainda assinalar os 150 anos do nascimento de Cláudia de Campos, ocorrido em Sines a 28 de Janeiro de 1859. Foi a forma brilhante como esta escritora cristalizou a Sines do seu tempo no seu mais conhecido livro – "Elle" – de recorte auto-biográfico, que mostrou o caminho seguido neste guia.

Por tudo isto convidamo-vos a fazer este percurso de descobreta e de um confronto reflectido com esta realidade mágica, encantatória, bela de Sines sonhado e sofrido, de Sines real e de Sines imaginado num futuro promissor, a terra de Vasco da Gama, a nossa terra, a terra que queremos continuar a construir e transmitir aos nossos filhos.

Manuel Coelho Carvalho
Presidente da Câmara Municipal de Sines

Vista de Sines e praia
Edição Costa, finais do século XIX

Quem sobe ao alto da Torre de Menagem do Castelo de Sines não pode ficar indiferente à força da paisagem que daí se admira e abarca quase todo o concelho. Em dias límpidos a vista vai ainda mais além e perde-se até à longínqua Serra da Arrábida, a Norte, e às serranias do Cercal e ao Cabo Sardão, a Sul. Sendo este um dos pontos altos da visita a este monumento e ao museu que ele abriga, podemos mesmo ter a ousadia de afirmar que esta paisagem é uma das principais "obras" que o museu mostra. Mas mais do que apenas mostrar, procuramos desafiar o visitante para uma compreensão mais profunda desta paisagem e da sua história.

Vamos assim convidá-lo a dar um passeio. Pode nem sequer sair de casa, mas o melhor é pegar neste guia e partir à (re)descoberta de Sines e da sua paisagem. Vamos por estradas rurais ou ruas estreitas, parando aqui e ali, frente a uma igreja ou nas margens de uma ribeira, e para nos guiar levamos um punhado de excelentes escritores, conhecedores dos segredos destes velhos caminhos. Levamos também alguns quadros, fotografias e algumas relíquias do passado, guardadas nos bolsos, para nos avivarem as memórias.

Esta obra pode ser lida de duas formas: como um guia para uma visita ao concelho, onde se revelam as memórias de cada sítio, ou como um roteiro para a visita ao museu, onde essas mesmas memórias ganham vida no confronto com os objectos expostos, articulando

"As belezas da Europa são inextricavelmente inseparáveis da pátina do tempo humanizado."

George Steiner
A IDEIA DE EUROPA

"o sol ensina o único caminho
a voz da memória irrompe lodosa
ainda não partimos e já tudo esquecemos
caminhamos envoltos num alvéolo de ouro fosforescente
os corpos diluem-se na delicada pele das pedras"
(...)

Al Berto
TENTATIVA PARA UM REGRESSO À TERRA, 1980

palavras, imagens e lugares que se complementam na construção pessoal de uma geografia da memória.

Procurámos nesta obra dar, a um público mais vasto do que o habitual, o privilégio de um contacto directo com as "fontes" históricas: os textos e documentos escritos na época dos acontecimentos e que mais directamente revelam a experiência dos mesmos. Procurámos também ser féis aos textos originais, apenas actualizando a grafia das palavras para facilitar a leitura ao público não especializado. A pontuação e a utilização das maiúsculas correspondem ao original e não sofreram qualquer actualização, podendo em muitos casos parecerem-nos hoje estranhas ou mesmo erradas, mas correspondem aos critérios da época e muitas vezes revelam-nos o espírito dessa mesma época.

"Ler a Paisagem" é assim, à partida, um guia literário do concelho de Sines. Revela por isso uma aproximação pessoal e humana de cada autor ao território, como a do cruzado inglês que em 1129, passando a caminho da Terra Santa, observa: "Sines, terra um tanto arenosa que entra pelo mar dentro". Ainda hoje este olhar permanece actual. Não deixa de ser surpreendente como os escritores conseguiram registar o "ar do tempo", mas poucos como o poeta Al Berto conseguiram captar as diversas cambiantes de sensações, por vezes contraditórias, com que foram vistas e sentidas as profundas

Costa e planta da Vila de Sines
Leonardo Turriano, Século XVII
Instituto dos Arquivos Nacionais, Torre do Tombo, Casa Cadaval, livro 29, fl. 60

transformações das décadas de 70 e 80 do século XX. Depois, se recuarmos à imprensa de inícios desse século, ávida de pitoresco temperado por algum realismo social e sonhos de "progresso", descobrimos o jornalista Júlio Gomes da Silva. Um ligeiro passo a trás e vemos Cláudia de Campos, ao redor de 1900, ainda com uma sensibilidade romântica a olhar a vida da burguesia local.

Mais um recuo, de cinquenta anos, e vamos ao encontro do Dr. Francisco Luís Lopes, médico ilustre, a dissecar com olhar clínico a vila e os seus habitantes. Um passo mais largo, um século, e o governador militar de Sines, Estêvão de Lis Velho, reconstrói em prosa barroca a vida de São Torpes, na primeira monografia de Sines, obra marcante, cuja descrição da povoação será a matriz de todas as que se lhe seguiram, que o diga o Padre Alexandre Mimoso, que nela se apoiou para a sua "Memória Paroquial" de 1758.

Em inícios do século XVIII, no "Santuário Mariano", Frei Agostinho de Santa Maria, revela-nos uma geografia do sagrado.

O século XVII foi entre nós marcado pela presença de diversos engenheiros militares, como Alexandre Massai, sonhando novas cidades a nascerem nas areias do Pessegueiro ou o prolongamento da Ilha num gigantesco quebra-mar.

Antes, em pleno século XVI, chegara André de Resende em busca de outras cidades, estas soterradas sob a poeira dos tempos, e adivinhadas em inscrições da antiguidade.

Um Nome – Um Porto

"Sines parece vir de *Sinus*, seio ou enseada. E com efeito, de Setúbal ao Promontório Sacro, é ela a única que abre, sem dependência de maré, a sua meia lua de asilo às embarcações, que dela precisam. Em nortadas especialmente, a sua enseada é uma obra tão fiel e segura, como com sudoeste *malè fida carinis*. Quando o vento sopra irado e travessão, feliz o navio, que perde de vista a Vila para a não ver de perto feito pedaços na ponta de suas rochas, ou no areal de sua praia. Por grande porem que seja o temporal, e de qualquer ponto do *rosa ventorum*, trinta[1] barcos de cabotagem podem-no observar desassombrados e tranquilos por detrás do ingente muro, que forma a sua calheta. Quando o mar furioso trepa a urrar pelo recife e transforma a praia em duna, borrifando-a de espuma indignada, a pequena angra realiza literalmente para as trinta quilhas, que abriga, a pia etimologia de Sines:
"*Deprensis olim statio tutissima nautis.*"

Francisco Luís Lopes
BREVE NOTÍCIA DE SINES, 1850

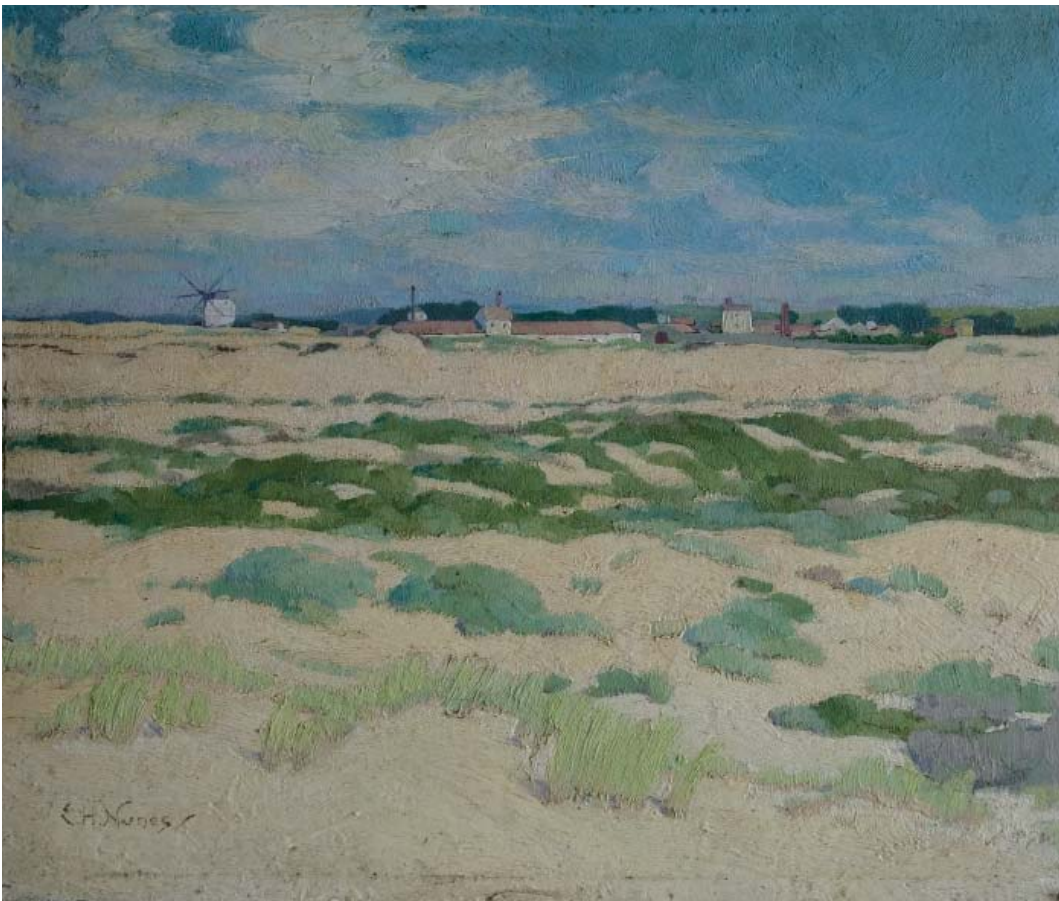
Outra cidade pensou D. Pedro I ajudar a crescer junto ao pequeno porto, protegida por um muro que daria origem ao actual Castelo. E as palavras vão-se perdendo nas névoas do tempo. Quem sabe se a ilha de Petânion referida por Avieno, no século IV, não é a Ilha do Pessegueiro?
São cidades, sonhadas, imaginadas, projectadas, dissecadas, escavadas... escritas.
Cada olhar é uma cidade.
Este roteiro integra o projecto de recuperação do Castelo de Sines, financiado pelo Programa Operacional da Cultura, com verbas da União Europeia / FEDER e vem reforçar a ligação do Castelo ao território que ele vigia há séculos e de que continua a ser simbolicamente o centro.
Paralelamente à edição desta obra, será possível descobrir excertos de alguns dos textos nos próprios lugares a que eles se referem, através de doze painéis espalhados pelo concelho, confrontados com imagens antigas dos mesmos locais. O museu sai assim da limitação das suas paredes para abarcar todo o território do Concelho. Um programa de actividades pedagógicas, que inclui visitas e ateliers complementa para já o projecto que se manterá aberto a novos caminhos da criatividade.

Ricardo Estevam Pereira

A Chegada a Sines

"Sines está situada nos confins da Estremadura[2]. É construída sobre uma comprida faixa de terreno, que avança muito, sempre estreitando, pelo mar dentro. Santiago do Cacém, a povoação que lhe fica mais próxima, dista dela ainda assim quinze quilómetros. A meio da estrada, que de Santiago ali conduz, a paisagem muda logo de aspecto. Desaparecem as altas serras, os umbrosos vales, o frondoso arvoredo, os lavrados talhões de terra vermelha. Na planície começa a despontar toda a flora das charnecas e dos areais: rosmaninho, tomilho, murta, camarinheiras, urzes e cardos. Os álamos da estrada, branca e deserta, vão rareando à medida que nos aproximamos, e que o mar cintila na frente, à direita e à esquerda, como cingindo num apertado abraço a vila, que se avista lá ao fim, junto das ondas, coroada pelas velas dos moinhos, guardada pelo elegante farol.

Dunas,
Emmerico Nunes, século XX, primeira metade
Óleo sobre madeira
Museu de Sines, Inv. MS 1
Legado José Miguel da Costa



Sines – A Praia em época balnear
Século XIX, finais
Postal ilustrado

A árvore que melhor desabrocha naquelas paragens, ao sabor do acaso, é o pinheiro, o habitante predilecto dos rochedos e das escarpas. Por todos os lados se alastram densos e odoríferos pinhais. Quase ao entrar na vila assim isolada, languidamente debruçada sobre o Oceano, encontra-se o cemitério, muito claro, picado de humildes cruzes, ostentando raros mausoléus, sem um cipreste, quase nú de flores, lavado de ar e de luz. Doira-o todo o dia o sol, perfumam-no plantas agrestes, embalam o sono dos seus mortos as vozes tristes do vento, que assobia através do próximo pinhal, e as vozes plangentes das vagas, batendo as pedras para além das extensas areias.

(...) Para lá da vila, assente toda sobre barrocas e penhascos, a estrada, bifurcando-se, continua: em baixo, até ao cais, em cima, até ao topo do promontório, que tem o nome de Ribeira. É nesse sítio – o qual, antes dos armazéns e das casas mandadas construir por abastados negociantes no começo da exportação das cortiças no país, devia ser apenas um desamparado brejo – que Vasco da Gama edificou a sua igreja da Senhora das Salvas.

A aparência da ermida, branca de cal, é modestíssima. Do portão de ferro, que abre para uma espécie de adro, circundado de assentos de tijolo, passa-se para o interior da igreja, quase tão simples como o exterior. As paredes revestem-se, até meia altura, de azulejos com figuras bíblicas. A parte de cima, muito caiada, não tem adornos.

Calheta de Sines
Século XIX, finais
Postal ilustrado

Quando se entra, depara-se-nos logo à direita um retrato a óleo de Vasco da Gama[3]. Há três altares sem trabalho algum de arquitectura, e escassos em douraduras. Os laterais estão ocupados por uma imagem de Cristo, e outra de Santa Luzia. No altar-mor, sobre um trono florido, batendo-lhe em cheio a luz, que entra à vontade pela espaçosa janela do coro, sorri-nos a doce figura da Virgem das Salvas. Quase todo o ano se conserva acesa a lâmpada de azeite que a alumia, em cumprimento de promessas, em sinal de que foram ouvidas as preces dos seus devotos.

E quantos eles são!

É, por assim dizer, o povo inteiro, povo composto em grande parte de pescadores, de pobres trabalhadores de enxada, e de marítimos. São esses os que conservam também a fé mais ingénua, mais depurada e mais forte. (...)

Sines é essencialmente um povo de marítimos. Todos os filhos da terra conhecem e amam o mar, que lhes tonifica os músculos, tornando-os diligentes e activos, próprios para os labores da existência, e que também lhes molda as almas, embalando-as em sonhos, dando-lhes uma intensa vida interior. As vozes do vasto oceano, que por toda a parte canta e geme, e onde perpassa a

escala inteira dos sons e harmonias humanas, que de coisas misteriosas e belas ensinam àqueles que, desde o berço, aprenderam e escutá-las e a entendê-las!

Cláudia de Campos
ÍNDIA, 1898

A Calheta,
Álvaro Perdigão, 1961
Óleo sobre tela
Museu de Sines, Inv. MS 4
Legado José Miguel da Costa

Sines, farol
Ca. 1900
Postal

O Território e os Poderes, no Século XVIII

"Banha o dilatado Oceano a parte mais Ocidental da Província do Alentejo, que estende a sua costa desde o istmo, ou península de Tróia (…) Até ao Cabo de S. Vicente, ou Promontório Sacro (…) Corre a costa de Norte a Sul, e daquele istmo até ao pequeno rio Odeseixas, que divide a mesma Província do Reino do Algarve, haverá vinte e cinco léguas, que se dilatam em praias, baías, rochedos, restingas, e cabos. No meio desta mesma distância está a antiga, e célebre Vila de Sines; que, ainda que não tenha muita antiguidade no seu foral, pois lhe foi dado por El-Rei D. Manuel em primeiro de Julho de 1512[4] com tudo pelo que os Historiadores a celebram pela admirável trasladação do corpo do bem aventurado S. Torpes, e inscrições antigas, que nela se acharam do tempo dos Romanos, tem mais de dois mil anos de sua fundação. Está bem assentada em lugar iminente ao mar, que forma uma baía em semicírculo, que olha ao Sul, com bom fundo, onde podem ancorar todo o género de embarcações abrigadas dos ventos, não sendo Sul, ou Sudoeste, que nesta parte descompõem muito os mares, levantando-os em formidáveis ondas. Mas nestas ocasiões recolhem as embarcações de menos fundo em uma calheta, na qual

Sines – Praia Vasco da Gama
Século XX, meados
Postal aguarelado

estão seguras de todo o perigo, por estar guardada do recinto de uma muralha, a que chamam Rebelim. Tem esta Vila quase trezentos vizinhos obrigados à freguesia da Matriz, que é uma boa Igreja com Prior, e três Beneficiados Curados, e Freires da Ordem de Santiago. A pouca distância está o Convento de Santo António de Religiosos Franciscanos da Província dos Algarves.

Entre as Praças marítimas deste Reino é numerada esta Vila, que tem Governados, Tenente, Ajudante da Praça, e mais Oficiais competentes com uma suficiente guarnição de Soldados Infantes, e Artilheiros, todos pagos, e uma numerosa companhia de Auxiliares. É também da jurisdição do seu Governador Vila Nova de Milfontes, que lhe fica distante cinco léguas com a sua fortaleza, e a da Ilha do Pessegueiro, ambas guarnecidas com soldados pagos, e artilharia. É defendida a Praça de Sines por um grande Castelo antigo, que para o mar tem dois baluartes guarnecidos de boa artilharia; e na ponta da baía, que faz ao Ocidente, está o Forte de Nossa Senhora das Salas com artilharia toda de bronze, e de bom curso, que defende dos Corsários as embarcações, que buscam o abrigo da mesma baía. Um tiro de canhão deste forte para o Ocidente, e em menor distância da terra firme está uma ilha, ou rochedo alto, a que chamam Perceveira,

defronte de um cabo, a que dá o seu nome, bem conhecido dos navegantes, pois ordinariamente a vêem buscar para levarem mais certas, e seguras as suas derrotas. Toma esta Ilha, ou monstruoso penedo o seu nome do célebre marisco, a que chamam perceves, de que sempre está coberta em tanta quantidade, que, quando o mar está com sossego, por ser nesta parte tempestuoso, carregam cinco, ou seis barcas deles, sem que se experimente a menor falta.

Para o governo civil tem esta Vila um Juiz de fora, Vereadores, Juiz de Órfãos, com os Oficiais necessários de Justiça, e Fazenda. Tributa-lhe o mar muito, e excelente pescado; e de verão é em tanta abundância, que dá provimento à maior parte do Alentejo, contribuindo muito uma boa armação, que todos os anos lançam ao mar na mesma baía, onde colhem tanta quantidade de peixe, que carregam muitas embarcações para vários portos deste Reino, e algumas vezes por muito o não aproveitam. Abunda extraordinariamente em vinhos, que por muitos valem tão pouco, que houve ano, em que o almude valeu a cinquenta reis, e sempre tem um preço muito moderado, fazendo-se dele carregação para várias partes. Tem o trigo, que lhe basta; e, quando lhe falta, é provida com abundância das terras circunvizinhas, donde vem em muita

Contra Luz
Emmerico Nunes, século XX, primeira metade
Óleo sobre madeira
Museu de Sines, Inv. MS 2
Legado José Miguel da Costa

Castelo de Sines
Descrição do Reino de Portugal, fl. 71
Alexandre Massaii
Inícios do Século XVII
Lisboa, Museu da Cidade

cópia, para se fazer remessa dele para Lisboa. É fecunda em milho, cevada, centeio, e legumes. Não tem muita fruta, mas é bem provida da que há na Vila de Santiago do Cacém, que lhe fica vizinha. Cria bastante cópia de gado vacum, e numerosos rebanhos de ovelhas, o que faz haver excelentes carnes, especialmente de carneiro. É abundante de caça, sendo os coelhos, e lebres em uma extraordinária quantidade. Contam-se no âmbito da sua povoação sete fontes, cada uma com tanta abundância de excelente água, que qualquer delas bastava para provimento de toda a Vila. O seu clima é muito benigno, e temperado, não se sentindo nela o calor, e o frio em excesso, o que a faz ser tão salutífera, que há nela poucas doenças, e comummente vivem os homens uma larga idade com robustez, e fortaleza."

Estêvão Lis Velho
EXEMPLAR DA CONSTÂNCIA DOS MÁRTIRES EM A VIDA DO GLORIOSO S. TÓRPES, 1746

Rua do *Novo Mundo*
Álvaro Perdigão, 1961
Óleo sobre tela
Museu de Sines, Inv. MS 5
Legado José Miguel da Costa

A Povoação

"O relógio da pequena vila de Sutil[5], situada em anfiteatro sobre as rochas, à beira do Oceano, fez ouvir no povoado silêncio de uma clara e serena manhã de Maio as seis horas. O sol ia dissipando a transparente neblina e despindo a agreste paisagem dos véus de gaze que a envolviam. Cortavam o ar milhares de asas; pela terra os insectos zumbiam. As casas, pouco elevadas, brancas, amarelas, cor-de-rosa e azuis, destacavam-se a pouco e pouco, de entre as brumas, e recortavam--se uma no horizonte, outras no fundo escuro do pinhal.

Nesgas de paredes, janelas, telhados vermelhos, mirantes caiados, assomavam de entre os espessos arvoredos. O céu começava a reflectir-se no oscilante cristal das águas; os trabalhadores partiam em todas as direcções, ao passo que das chaminés subiam espirais de fumo, projectando um instante as suas caprichosas sombras na seda clara do firmamento."

Cláudia de Campos
ELLE, 1898

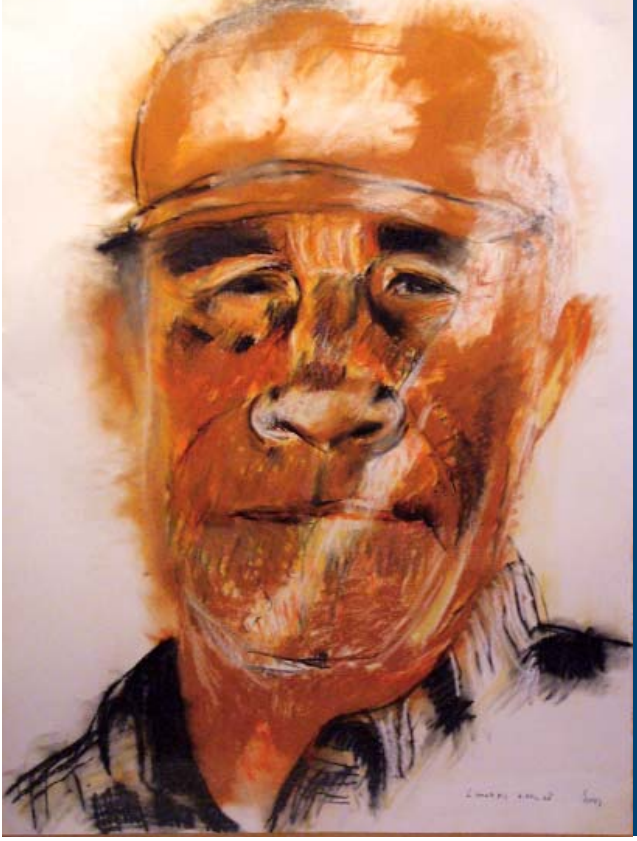
Sines – Castelo e Igreja Matriz
Século XX, inícios
Postal aguarelado

O Castelo e o Foral de D. Pedro I

"D. Pedro, pela graça de Deus, rei de Portugal e do Algarve, a quantos esta carta virem, faço saber que os Homens Bons de Sines me enviaram dizer que se fosse minha mercê de os fazer isentos da sujeição de Santiago do Cacém, cuja aldeia era, e que fosse vila por si, que eles se queriam cercar e fazer aquele muro que agora aí é começado por si."

(…) porque aquele lugar está naquela costa do mar, e porque estando assim descercado podia por aí a minha terra receber grande dano. E querendo fazer graça e mercê aos do dito lugar de Sines, tenho por bem e mando que o dito lugar de Sines seja isento da sujeição de Santiago do Cacém, cuja aldeia era, e que seja vila por si e que haja jurisdição do cível e do crime como hão as outras vilas da Ordem de Santiago, que assim são isentas. E mando que elejam seus juízes para fazer direito e justiça e façam seus oficiais segundo é costume segundo é costume de fazer nas outras vilas e lugares da comarca da dita ordem"(...)

24 de Novembro de 1362



Olhos Cheios de Mar I
Graça Morais
2005
Técnica mista sobre papel
Museu de Sines, Inv. MS19

O Largo dos Penedos da Índia

"Quem pela rua Direita segue a caminho da Ribeira, encontra a pouco mais de meio da vila um largo aberto para o mar, como um miradouro donde se apreende todo o panorama da baía cingida no abraço dos rochedos do Pontal e do Forte. A um lado da rua que começa neste largo, levanta-se uma característica casa de estilo mourisco, recolhida por detrás de um varandim para onde se sobe por toscas escadas de pedra, aposta à parede exterior. Casa remota de muros muito caiados, donde pende em grinaldas um maciço de flores a tingirem de vermelho e verde a alvura das paredes inestéticas.

Ao sul limitando o largo, corre um muro baixo nascendo da barroca que se despenha, eriçada de piteiras, canaviais esguios, e desoladas salgadeiras, pobre vegetação parasitária, até à praia das Bicas, seixosa, onde o mar sussurra monótono no contínuo embate das suas ondas. No muro talhou-se um cadeirão em todo o comprimento, onde os

Barco na Areia
Álvaro Perdigão, 1961
Óleo sobre tela
Museu de Sines, Inv. MS6

pescadores olham saudosos o mar. Mais para cá, ao fim das ruas que no largo desembocam, e aproveitando a depressão de terreno que faz declive, ergue-se um muro em quarto de círculo, formando um recinto, que nos dá a ideia da ponte de comando dum navio que o mar ali tivesse arrojado num momento das suas fúrias. Nesta parte mais elevada dos Penedos permanecem de noite os homens de vigia à espera que na sombra da noite e lá ao longe o facho rubro dum archote indique sinal de que há peixe na armação, e que os calhaus lestos têm de ir chamar as companhas, num barulho de batida às portas dos tugúrios, num bradar gritante de: «Arriba que armação facheou».

Aqui neste largo aberto para o mar como um minarete passam as horas, os dias de ociosidade, os pescadores de Sines, quando o mar os não deixa pescar, porque se embraveceu, e furioso parece querer devorar a terra, ou porque uma nortada rija encapelou de cachão a superfície ondulante da água salgada.

Todas as gerações de pescadores por aqui têm passado, e alguns

A Companha do Mestre Pimentinha
Armação Borboleta
Século XX, primeiro quartel

houve em tempos idos que nunca daqui passaram, sendo certo que até sabiam que «havia um poço no Rossio por ouvirem dizer», frase que significa que os pescadores raro se afastavam do mar. Por aqui passaram todas as gerações de pescadores desde a infância turbulenta e inculta, até à velhice desamparada, triste e saudosa.

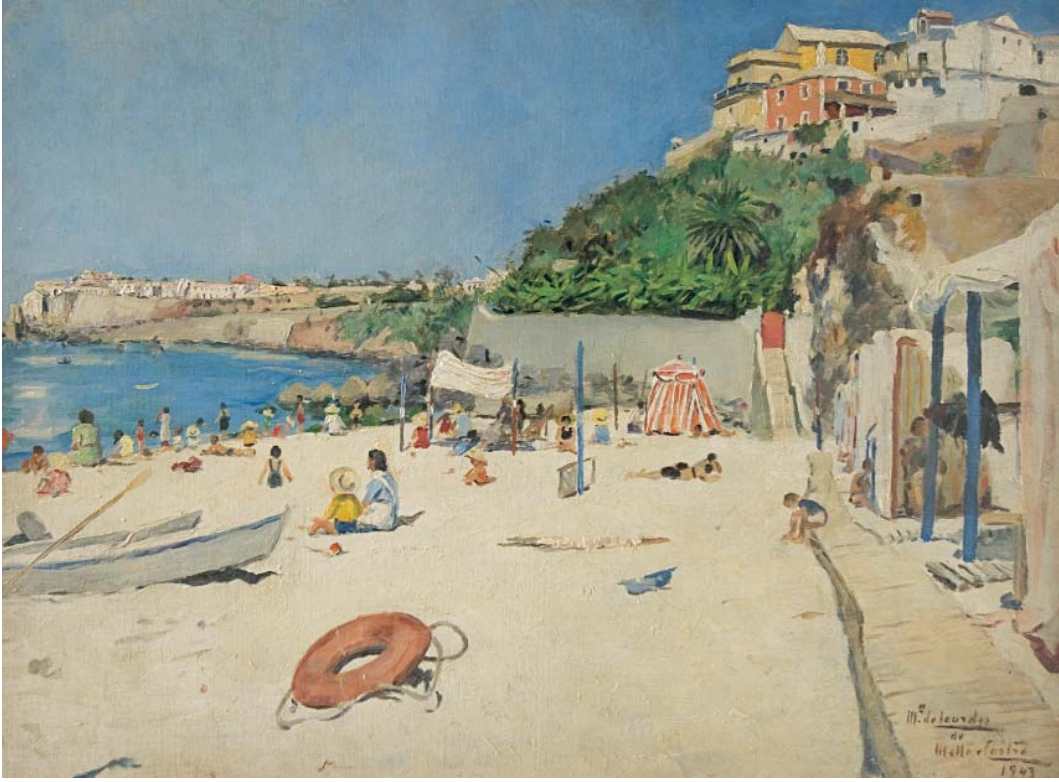
Os homens rudes, tostados de alcatrão e do ar salino que lhes bronzeou a pele rugosa onde se vincou o *ritus* da dor e do sofrimento, pela labuta de muitos anos com o elemento indómito, aqui se agrupam há muitos anos, a fitar saudosos o mar, a ralhar, a praguejar, repetindo pela centésima vez a história daquele enorme picacho que ao chegar à borda do bote, – «estava já a deitar-lhe o pichero» – partiu cercezinho o anzol mesmo mesmo pela enloirada. «Grande peixe… tinha mais duma arroba»…

E logo outro: – «E daquela vez lá no mar da sarda, começa a vir garroa… o vento a pertar do noroeste… a pertar… a pertar… e o Mamenucha «isto não tem dúvida, ao vir da lua, o vento amaina…» Ora! Eu bem dizia… nisto vem uma refrega maior… e… zás… a verga partida mesmo pelo carro. E o Canhonha vai também contar a sua história, falando muito, os cantos da boca resumindo saliva nicotinizada do tabaco mascado – pela crise do tabaco roeu um cesto de cana.

Sines – Praia à hora do banho
Século XX, meados
Postal aguarelado

Os exageros sucedem-se, imodestamente cada um vangloriando-se da sua afoiteza ou da sua perícia piscatória. E sempre assim foi e será enquanto houver pescadores em Sines.
Nos Penedos por vezes um ou outro passeante se detém a gozar a vista soberba da baía, ou escutando curioso a típica conversação dos destemidos homens do mar. Mas o habitual frequentador deste sítio, o que quase sabe quantas pedras tem esta tosca calçada, o que nós ali vemos de noite e de dia, de verão e de inverno, é o pescador que só em dias de festa, ou em actos muito solenes da vida – casamento, baptizo ou enterro – se engolfa pelas ruas centrais da vila. O pescador vive em contacto permanente com o mar, lutando dentro dos frágeis botezinhos, na luta ininterrupta pela vida, ou olhando-o saudoso e triste quando o mar irado e espumante de raiva o não deixa pescar e não dá nem escama – «Está no mar um cão não há nem carráu» – frase consagrada dos pescadores que indica a proximidade do inverno impiedoso.
Os Penedos é o lugar preferido pelos pescadores para os seus colóquios – é o seu parlamento sem presidente nem secretário."

Júlio Gomes da Silva
Jornal "Renovação"
Sines, 15 de Novembro de 1931



Brincando na Praia
Maria de Lourdes de Mello e Castro, 1943
Óleo sobre madeira
Col. Particular

A Praia Vasco da Gama

"De verão há mais animação na Vila, especialmente de Agosto a Novembro, pela ocorrência de gente que vem aos banhos.

Uma centena de Alentejanos e Alentejanas, vem aqui anualmente apagar no mar os ardores do sertão. A maior parte por doença – poucos por *dandysmo*.

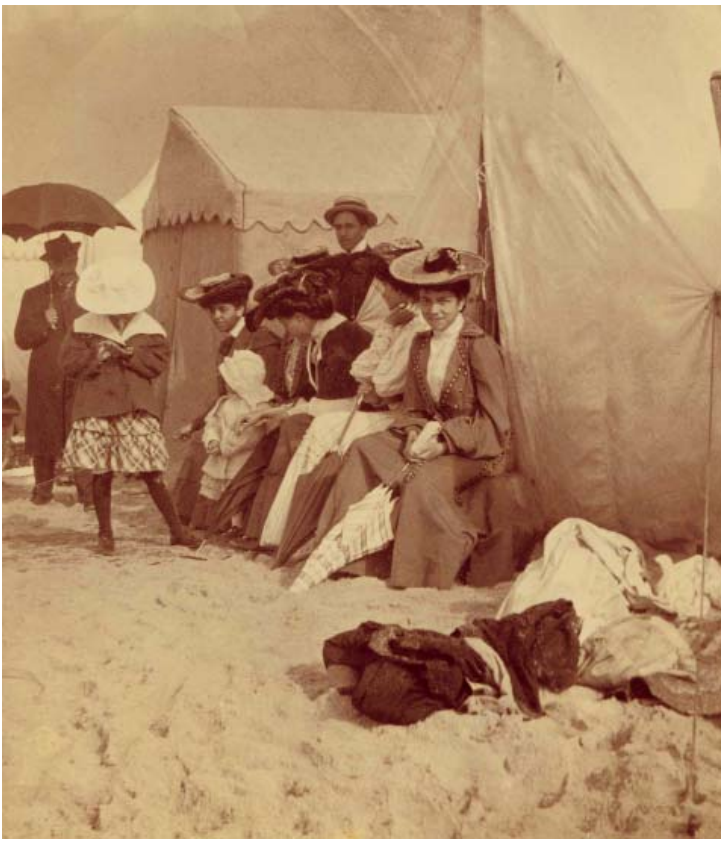
Chagam a armar-se na praia 20 barracas de banhistas. *Les baigneuses* em geral apresentam-se pela manhã a tomar os banhos *sans costume*. Cada um veste a trapagem mais ruim que tem – e, a falar a verdade, à entrada e saída da água dão de si uma vista muito pouco agradável. Sem uma roupagem bem folgada, por mais bela que seja uma mulher, há de sair do mar sempre feia com aquele triste desenho, com aquele passo embaraçado, com aquela estampa multicor de trapos no corpo. A deusa da formosura, e o fidedigno Adamastor afirma que, até a própria Thétis saíram nuas das águas.

Eu posso asseverar aos meus curiosos leitores, que em despeito de toda a minha mais perspicaz atenção, nunca pude lobrigar sequer

uma polegada de alvura no pé ou no cachaço de uma das nossas Vénus alentejanas.

Estas senhoras sempre bem pregadas e refrescadas depois do banho, retiram para a vila por uma estrada mais íngreme que a calçada da Glória[6]: repousam a meio caminho numa meia laranja, que diz para o mar, e recomeçam a sua improba tarefa de ascensão até chegarem a outro meio círculo, onde se sentam anhelantes e semi-mortas, repetindo pela milésima vez mil desabridas imprecações contra a inocente rocha, que não tem culpa de lhes não ter suavizado mais a subida. A maldita ladeira!!!"

Francisco Luís Lopes
BREVE NOTÍCIA DE SINES, 1850



Praia de Sines, Setembro de 1905
Álbum Fotográfico de Maria das Dores Lobo de Vasconcellos
Col. Particular

Vestígios da Antiguidade

"Não é de esquecer o ópido marítimo de Sines, não pouco útil, pela pesca, à região vizinha.

Existe aí, na igreja, um cipo quebrado com estas letras, onde está escrito:

«Aqui jaz… de cinquenta anos, Cláudio Talassino, à esposa tão cheia de merecimento. Que a terra te seja leve».

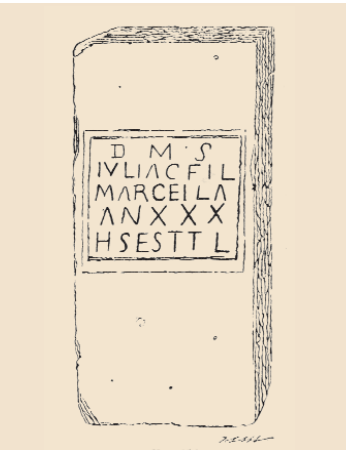
No chão, junto à muralha e já coberto pelo entulho, há a seguinte inscrição:

«Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Fúlvio Quinciano, filho de Lúcio, carpinteiro, devotado aos seus. Viveu 46 anos. Rúbria Sergila, filha de Quinto, Merobrigense, fez para o marido merecedor. Que a terra te seja leve».

Em determinada torre, está escrito:

«Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Júlia Marcelina, filha de Gaio, de 30 anos. Que a terra te seja leve».[7]"

André de Resende
AS ANTIGUIDADES DA LUSITÂNIA
1593



Ara de Júlia Marcela
De Terra em Terra
Leite de Vasconcellos
1927
Museu de Sines

Pormenor de ara funerária
Época Romana
Mármore de Trigaches
Museu de Sines

Igreja Matriz
Ca. 1900
Postal

A Igreja Matriz e os Milagres de São Torpes

"Crescendo a devoção do Santo com os repetidos prodígios, que obrava, lhe erigiram os devotos no ano de 1677 uma Capela ao lado do Altar Mor da mesma Igreja Matriz com um retábulo de primorosa pintura, e uma Imagem em vulto do mesmo Santo com a Relíquia de um pedaço de osso no peito, que guarda um caixilho de cristal, passando para a mesma Capela o cofre das Sagradas Relíquias[8]. No ano de 1695, vindo em visita o Doutor António Dias Figueiras, Desembargador da Relação Eclesiástica, da Cidade de Évora, e Visitador do Arcebispado pelo Arcebispo D. Fr. Luís da Silva, mandou passar os ossos do glorioso Santo do cofre, em que estavam, para um Sacrário da mesma Capela, onde a devoção, por excessiva, passou inadvertidamente ao excesso de um sacrilégio, roubando muita parte dos sagrados ossos. Somente a ignorância pode servir de desculpa, a quem a cega devoção fechava os olhos para o reconhecimento do delito. Muitas destas Relíquias conservam ainda pessoas particulares da mesma Vila, e outras se espalharam por este Reino: e fora acção muito do serviço de Deus, e do glorioso Mártir o mandarem-se recolher, para estarem com a justa veneração, que merecem.

Pormenor do Retábulo da Igreja da Misericórdia
Século XVIII, meados

A devoção dos fiéis, dedicou ao Santo uma anual festa no seu dia, que é o da sua trasladação, que se repetiu por muitos anos com Procissão, em que era levado em decente andor. Estes obséquios, que se lhe dedicavam, satisfazia o glorioso Mártir com repetidos milagres, entre os quais se faz mais memorável o das borboletas de asas prateadas, atribuído ao mesmo Santo, que sucedia todos os anos em sexta-feira maior. Acabadas as cerimónias, que a Igreja celebra na manhã deste dia, saía a Procissão do Enterro fora da Igreja; e logo que se lhe dava princípio, se viam sair da parte da Capela do Santo Mártir, e lugar dos seus sagrados ossos uma numerosa multidão de borboletas; as quais, cobrindo o túmulo do Senhor, lhe serviam de prodigioso pálio, fazendo-lhe vistoso acompanhamento em todo o tempo da Procissão; e acabada ela, desapareciam até o ano seguinte, que no mesmo dia, e hora se deixavam ver, vindo assistir prodigiosas ao mesmo acto, sem aparecer alguma em todo o mais tempo do ano. Muito semelhante a este prodígio foi o que sucedeu na Cidade de Girona no sepulcro de S. Narciso, seu Bispo, e Protector, saindo dele bastante cópia de borboletas, ou moscas brancas, mas com diverso fim; porque as da urna de São Torpes saíram a acompanhar o seu Criador no túmulo, e estas a dar morte aos Franceses, que no ano de 1285, sitiavam a mesma Cidade, como refere um Autor.

Este milagre das borboletas, que alguns Autores atribuem ao glorioso Mártir São Torpes, e tem por testemunhas para a sua confirmação todos os moradores de Sines, que o presenciaram, se continuou até ao ano de

Azulejo da antiga Igreja do Espírito Santo
Século XVII
Museu de Sines, inv. MS254

1730. em que foi demolida a Igreja Matriz, passando as Relíquias do Santo para casa de um Beneficiado da mesma Igreja, onde estiveram mais de cinco anos; e como a mesma Matriz mudasse na sua reedificação a forma, que antes tinha, foi tal o descuido, ou pouca devoção, que se não fez nela Capela ao Santo, como antes havia, depositando-se os fragmentos de osso do Santo Mártir a rogos, e despesa de alguns devotos na Capela de São Luís, ficando o Santo sem Capela própria, devendo ser a primeira, a que se lhe devia dedicar.

EXEMPLAR
DA
CONSTANCIA DOS MARTYRES
EM A VIDA DO GLORIOSO
S. TO'RPES,
MORDOMO, E VALIDO DE NERO,
NA QUAL SE EXPÕE DESDE O SEU NASCIMENTO
ate o seu gloriosio triunfo, e se relata a vida prodigiosa do seu
sagrado corpo a este Reino à Villa de Sines, onde Santa Cele-
rina, conhecendo-o por especial revelação de Deos, lhe deo do-
uta sepultura, condiralado-lhe hum magnifico Templo, que
foy o primeiro da Europa, e segundo da Christandade, o que se
justifica com indubitaveis fundamentos, deduzidos dos mais an-
tigos, e verdadeiros Escritores, com dissertações, e noticias muito
curiosas sobre o mesmo, que contém a mesma Historia,
DEDICADO
A' M. ILLUSTRE, E ESCLARECIDA MARTYR
SANTA CELERINA,
PORTUGUEZA.
ESCRITO POR
ESTEVÃO DE LIS VELHO.
LISBOA,
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.
Anno M. DCC. XLVI.
Com todas as licenças necessarias.

Estêvão Lis Velho
Exemplar da Constância dos Mártires em a Vida do Glorioso S. Tórpes, 1746
Sines, Arquivo Histórico Municipal Arnaldo Soledade

Esta falta de lembrança, de quem a devia ter grande para a veneração de um Santo, que era como Orago daquela Igreja, e especial Padroeiro, e Protector da mesma Vila, fez diminuir a devoção dos fiéis, esquecendo-se da anual festa, que lhe faziam, ficando nas ruínas daquela Igreja novamente sepultadas as memórias de São Torpes, como o tinham sido no primeiro Templo, que lhe foi dedicado. Mostrou o Céu com sinais evidentes o quanto lhe era desagradável este esquecimento; pois suspendendo o milagre das borboletas, com que se mostrava grato à grande devoção dos fiéis, o não continuou mais, como castigando desta sorte o descuido, e omissão, com que se tinham havido desde aquele tempo, negando-se aos devidos obséquios do seu triunfante Mártir. Não quis continuar o prémio, sem o merecimento, servindo também de glória a este grande Santo a suspensão daquele contínuo prodígio, pois dava a conhecer o mesmo Céu nesta demonstração o quanto se empenhava na veneração de São Torpes, conferindo, ou negando aquele milagre à medida do culto, que lhe dedicavam, ostentando-se ou de uma, ou de outra sorte sempre prodigioso."

Estêvão Lis Velho

EXEMPLAR DA CONSTÂNCIA DOS MÁRTIRES EM A VIDA DO GLORIOSO S. TÓRPES, 1746

Bilhete Comemorativo do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia
1898, Postal aguarelado

A Casa de Vasco da Gama

"Com frente ao sul, no caminho que leva à Ermida da Senhora das Salas, e defronte da barroca acima mencionada como horta de D. Vasco, existem umas casas de pobre aparência, que os habitantes deste porto tradicionalmente conhecem pelo Palácio de Vasco da Gama. Parte delas é um pardieiro, já meio soterrado pela parte posterior, mas ainda pelo âmbito, que ocupam, e outras circunstâncias de data recente, que muito por desnecessárias, se vê claramente sem esforço sistemático de antiquário, que ali houve uma casa nobre, que devia ter sido um prédio rico e saliente, sobressaindo entre os pobres e térreos, de que a Vila ainda hoje quase exclusivamente se compõe, e que então deveriam ser muito mais numerosos[9].

Era ali mesmo junto do mar, contíguo ao seu predilecto elemento, vasto como a sua ideia, áspero como o seu carácter, era ao ruído das vagas que vinham quebrar-se às abas do seu mirante que o grande Jasão Português devia estender sua vista de nauta pelo rumo da Índia, que se lhe devolvia em páramos de água defronte das janelas – era dali que num cisma nebuloso ele devassava de olho as praias da Ásia no seu alteroso galeão; era dali que as lufadas do sul lhe deviam agourar em sibilos as tormentas do penhasco africano;

Maqueta do Monumento a Vasco da Gama
I. A. Costa
1924
Gesso policromado
Museu de Sines, Inv. MS 24
Doação de Alice Pablo Mateus

era ali que o nosso grande navegante devia viver de mar, de glória, de vento e de ondas, para ir morrer ao longe de fadiga, para nunca talvez ser lembrado em Portugal se não fosse a pena daquele «que foi mais afamado que ditoso!...»"

Francisco Luís Lopes
BREVE NOTÍCIA DE SINES, 1850

Igreja de Nossa Senhora das Salas, 2005

A Igreja de Nossa Senhora das Salas[10]

"A modesta ermida, exposta àquela hora ao sol, ofuscava a vista com a intensa luz reverberada pelas suas paredes, brancas de cal. Estava aberta a negra e estreita porta da sacristia, semelhando um remendo preto na crueza daquela alvura. Cléo entrou, maquinalmente, passando à igreja onde ajoelhou, como Alice, aos pés do altar-mor.

O recinto era claro, tirando aquele ar de doce mistério que tanta influência exerce sobre o espírito, nos lugares sagrados. Pobreza, asseio, profusão de luz, entrando a jorros da grande janela do coro, eis o que se notava no interior da igreja, cujas paredes, forradas de azulejos até meia altura, eram caiadas de ali para cima, bem como a simples cúpula. Inferiores douraduras emolduravam nos altares laterais os envidraçados nichos de dois santos. Um deles, S. Benedito, carregado de fitas de vistosos coloridos, intrigara muito Cléo em criança. Ela curvou a cabeça e balbuciou por hábito uma prece, em frente da Senhora da rocha, sobrecarregada de bordaduras e flores trémulas, que protestavam contra o bom gosto e o bom senso.

(...) A humilde igrejinha, com as suas toscas imagens, cobertas de pretensiosos ouropéis, quantas reminiscências boas lhe avivava! Conservou-se por longo tempo abstraída, de olhos serrados, respirando aquela atmosfera impregnada no cheiro do incenso, formulando preces vagas, embalada pela poética doçura das coisas

Registo de azulejos da fachada da Igreja de N. Sr.ª das Salas
Ca. 1780

religiosas. A voz aguda de uma das manas Rochedos, à qual fazia acompanhamento o roufenho contralto da velha ermitã, obrigou Cléo a levantar-se, assustada com a perspectiva de tal encontro.
– Fujamos, Alice, antes que nos vejam.
E as duas amigas, rindo baixinho, atravessaram de pé ante pé a igreja, abriram a porta principal, que apesar dos cuidados, rangeu nos gonzos, e atravessaram à pressa o largo, em direcção ao jardim das Guedes."

Cláudia de Campos
ELLE, 1898

Interior da Igreja de Nossa Senhora das Salas, 2005

Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas
2006

A Festa de Nossa Senhora das Salas

"Todos os anos, em Agosto, vêm de Lisboa dois Galegos, um com um tambor, outro com uma gaita-de-foles. E agora todo o gentio do Concelho de Sines acorre a ouvir o ingrato concerto, e a dar devotamente tudo quanto pode para a festa da Senhora. Juntam-se cento e tantos mil réis, que são gastos em fogo preso, em medidas, missa, sermão, etc.

É um arraial, uma vigília, um mercado com o seu cru e competente cachação, e com o seu competente murro seco.

Concorrem à festa talvez as suas 3000 pessoas.

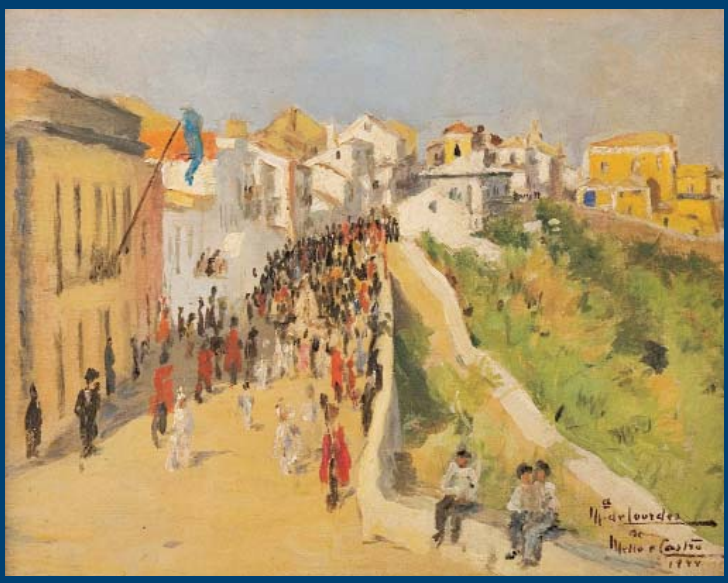
Ouve-se a fio a eterna gaita-de-foles zangando céus e terra, admiram-se estrepitosamente as lágrimas dos foguetes, as suas *respostas* e brilhante faiscado – no fim de toda esta ruidosa admiração, e de tudo isto o gentio retira, e a Vila cai na sua antiga solidão ao 16 de Agosto."

Francisco Luís Lopes
BREVE NOTÍCIA DE SINES, 1850

"Anos e anos se passam sem haver ali semana santa, sem que uma única procissão saia à rua. Nem um ano só é preterida a tradicional festa à Senhora das Salvas, a mais comovente das cerimónias religiosas que tenho presenciado. Quem a ela assiste, se tem inteligência e alma, sente os joelhos dobrarem-se, a prece a afluir aos lábios, o espírito emudecer, deixando falar alto o coração. Enquanto houver um pescador, um filho daquele sítio, o fervoroso culto dessa imagem não se extinguirá jamais. Na igreja cantar-se-á melhor ou pior, conforme o dinheiro que se obtiver pelo peditório, a missa; no púlpito, o padre dissertará sobre as virtudes cristãs, e fará o panegírico da formosa Virgem de longos caracóis, que de mãos postas parece sorrir feliz, numa apoteose de luzes, pedrarias, ouropéis e flores[11]; de tarde, a procissão sairá na sua larga volta pela igreja e pelas areias, costeando a barroca e o mar; os foguetes rebentarão sem tréguas durante o trajecto, casando o fumo da pólvora com o fumo incenso; os Irmãos, nas suas opas brancas, caminharão respeitosos, em cabelo, de velas acesas, conscientes da grandeza do acto, sentindo toda a pequenez humana em presença da majestade divina; o andor, iluminado pelas cambiantes do sol a descair no horizonte, estrelado de jóias e flores, levando sob ele e a segui-lo em cauda peitos abrasados de fé, mulheres e homens rojando no pó, em lágrimas, irá lentamente percorrer a costumada via, fechando o cortejo o pálio de ouro debaixo do qual brilha o símbolo sagrado do Sacramento. A música, secundada pela orquestra do oceano, entoará a simples harmonias do costume, que, naquele recinto e naquele momento, têm o condão de falar às almas, como se fossem acordes celestes. E à noite, no areal, em frente da vasta e lindíssima baía, queimar-se-há o fogo de artifício, ao som das admirativas exclamações de ingénuos camponeses, e subirão ao céu astros multicores, deslumbrantes e fugazes meteoros, a ofuscar o brilho dos eternos astros, para irem morrer em seguida nas águas trémulas, que o firmamento prateia em fugitivas ondulações."

Registo de Nossa Senhora das Salas
Século XX, primeira metade
Portal e cortiça recortada
Museu de Sines, inv. MS75
Doação de Silvestre da Cruz

Cláudia de Campos
ÍNDIA, 1898



Sines em Dia de Procissão
Maria de Lourdes de Mello e Castro
1948
Óleo sobre madeira
Col. Particular

"Sines, a ridente vila que olha de cima dos rochedos a água azulina, por onde vogaram as caravelas do seu nobre filho e imortal navegador Vasco da Gama, envolve-se hoje num ambiente festivo.
15 de Agosto! Festa da Sr.ª das Salvas!
A alegria resplandece em todos os rostos, alucina os corações juvenis, no gozo de uns dias de folguedo, e invade de saudosas recordações os velhos, que revivem os dias do seu tempo.
– Oh!; no meu tempo!... isso é que era festa! – dizem.
E era. Nos tempos da nossa juventude, em que o *tio* João Baia-Baia, envergando o seu fato domingueiro ostentando na lapela uma medalha de salvação, escorrendo-lhe enormes bagas de suor pela face queimada do sol, na dextra o inseparável lenço branco, dirigia a procissão, a festa da Sr.ª das Salvas, envaidecia os Sinecenses [sic], que se orgulhavam de realizar todos os anos o mais pomposo festejo destes arredores.
A *gaita-de-foles* – instrumento imprescindível ao bom luzimento do festejo – guinchava a *Margarida-vai-à-fonte* e outras canções populares, e os sons estrídulos das gaitinhas de folha confundiam-

Sines, Procissão da Nossa Senhora das Salas

-se no espaço com os pregões das fogaças em louvor da Nossa Senhora.

A santinha era levada em procissão à volta da ermida, e sob o andor caminhavam mulheres supersticiosas, a *pagar promessas.*

À noite, no Revelim, o pirotécnico largava o fogo de artifício, que a multidão de curiosos admirava enquanto no coreto em frente da ermida uma filarmónica executava trechos de música apreciável que eram sempre coroados por uma reboada de palmas. E quando, riscando o espaço num rasto fosforescente, lá no alto um foguete rebentava, decompondo-se em copiosa chuva de estrelinhas multicores, saía de algumas bocas um ah!... de pasmo.

14, 15 e 16 de Agosto eram três dias de plena alegria para os Sinecenses.

Era uma festazinha muito simpática a todos pelo quinhão de felicidade que fruíam – porque em dias festivos todos são felizes, esquecendo todas as agruras da vida."

Júlio Júnior
Jornal "A Folha de Sines", n.º 4
Sines, 15 de Agosto de 1919

Um Bailarico na Dalda de Cima

"Pelo S. João, de tarde, como a vila estivesse deserta, – pois toda a gente fizera caminho para a Dalda de Cima – para lá fomos também num auto-macho fazendo escala pelas baiucas da beira do caminho, que ostentavam verduras e os tradicionais mastros nos pequenos terreiros em frente da porta. O primeiro bailarico era no Basbaque, mais adiante outro no Bulbulgão e o terceiro na Dalda onde chegamos depois de atravessar um soberbo pinhal.

Era dia de festa e as belas moçoilas da Ribeira dos Moinhos, do Chãos e de toda a circunvizinhança dos três bailaricos afluíam a eles trajando as suas galas, ostentando os seus cordões de oiro, naquele dia saídos do fundo das arcas carunchosas, para brilharem à luz doirada do sol.

Velhotas em grupos de bom comadrio reviviam naquele bulício de festança a sua mocidade fitando os olhos das filhas, nas netas que com o busto escultural envolto no xaile traçado, rosto risonho emergindo de cachenez bizarros enlaçadas pelos derriços nas cinturas, se saracoteavam ligeiras ao som do harmónio ou aos requebres das modas.

E neste saracotear, ao executar rápido de uma volta à esquerda, mostravam uma nesga de apetecível e bem torneada perna.

Folgava-se, ria-se…namorava-se porque a parte principal de um bailarico é o namoro. "

Ignoto
Jornal "A Folha de Sines", n.º 3
Sines, 1 de Agosto de 1919

Cordão de ouro com medalha
Século XX – inícios
Museu de Sines, Inv. MS270
Doação de Catarina Maria

Praia do Morgavel
Sofia Costa, 2008

A Costa Sul do Concelho

"Volvendo a vista do norte ao sul vamos lá recriar no rendilhado de praias que vão desde a de Vasco da Gama até à de São Torpes.

E lá ao longe, pontozinhos brancos como manchas de cal, que são algumas casitas dispersas do pequeno lugar Porto Covo destacam-se do tom pardacento da Serra do Cercal.

O mar, como uma moldura orlado pela espuma das ondas desfeitas nas rochas, e a areia das praias abraça este quadro cheio de encantadora beleza, – tela imensa cheia de vida e de sol.

A Natureza na exibição da sua caprichosa vegetação, da estética soberba das serras e planícies cortadas de ribeirinhos de prata atapetadas de verdejantes relvados!

O espírito goza a sensação de um prazer invisível, que nos oferece à vista de tão vasto e belo panorama, numa concentração estática! Quadro soberbo de policromia suave, assunto estonteante, oferecendo à vista dos admiradores um conjunto de figuras dispostas caprichosamente desenhando-se em fundo azul diáfano do céu cheio de sol e criador!"

Júlio Júnior
Jornal "A Folha de Sines", n.º 1
Sines, 1 de Julho de 1919

São Torpes

"Na foz desta ribeira da Junqueira, que é na praia, está a sepultura de São Torpes assinalada por uma cruz, o qual sendo martirizado em Piza por mandado de Nero, veio ter a esta praia metido numa barca velha com um cão e um galo, e sendo Santa Celerina avisada por um Anjo da chegada daquele Tesouro, o foi buscar no mesmo sítio, e achando-o felizmente lhe fabricou nele o seu sepulcro: não é só tradição, ou conjectura, mas assim o escreveram vários Autores de boa nota, e dela fazem menção alguns Martirológios bem recebidos da Igreja. Neste mesmo sítio, escreveram alguns, que lhe erigira Santa Celerina um magnífico Templo, do qual não se acha hoje nenhum vestígio, mas só sim o lugar da sepultura, que sem interrupção alguma tem sido ali sempre venerada.

Nela foram achadas as suas sagradas relíquias, no ano de 1591, pela exacta diligência que mandou fazer o Arcebispo Dom Teotónio de Bragança, recomendada pelo Santo Padre Sixto Quinto, que então presidia na Igreja, e sendo reconhecidas, e aprovadas por especial Breve do mesmo Santo Padre, foram trasladadas para a Matriz desta Vila.[12]"

Alexandre Bernardo Mimozo
MEMÓRIA PAROQUIAL, 1758

Base do antigo cruzeiro de São Torpes, 1783
Calcário lavrado
Praia de São Torpes

Porto Covo
Século XX, inícios

Porto Covo

"Dentro desta área ao sul, duas léguas e meia da Vila, está o logarejo chamado – Porto Côvo – sentado quase à beira mar. Tem 20 vizinhos. De todas as propriedades aí sitas o directo senhorio é o Conde de Porto Côvo[13]. Porto Côvo é o rendez vous de *banhistas* subalternos.

Meia légua ao sul de Porto Côvo existe uma Fortaleza arruinada por dentro, mas ainda com menos má aparência exterior. Está desartilhada, e o seu solitário habitante é um soldado de veteranos.

Nos princípios de Setembro, se me não engano, faz-se aí uma vigília, que é concorrida dos arredores, e dos banhistas, que se albergam pelas velhas casernas da Fortaleza, comunista, cínica, e anarquicamente[14].

Oh! que romaria!!!

Quase defronte da dita Fortaleza, a um tiro de espingarda da costa, há um ilhote (Ilha do Pessegueiro) inculto e agreste. Terá de comprimento aquela distância, e meia de largura. Vêem-se ainda aí as ruínas de um Forte e de uma Igreja, e as cortaduras e macissos de uma espécie de espaldão, ou de cousa que o valha."

Francisco Luís Lopes
BREVE NOTÍCIA DE SINES, 1850

O "Cemitério dos Mouros"

"quando te escavaram o ventre encontraram traços adormecidos doutros povos
enigmáticos colares, pérolas, aços imutáveis, escritas duma outra idade, vestígios de insones navegações

da terra sobe um murmúrio de húmido coração
os vermes vão tecendo a recordação dos mortos para que possamos sobreviver ao estrondo da pólvora e da dinamite

as máquinas quase destruíam as torres duma cidade imaginada, submersa, inacessível, que eu suspeito ter sido construída com vento-suão

mas, é o negro ouro que atravessa os teus metálicos intestinos
com ele vais refinando a morte das aves e esquecendo a vida dos peixes
digo, das águas enfurecidas irromperá o desastre

se por qualquer razão te esfaquearem de novo, nada mais encontrarão que pequeníssimos cadáveres de saudade

ouço o resfolegar de remotos náufragos... lembro-me das pedras mortas dos teus pulsos
o peito rasga-se-me, uma lata de óleo trabalha o sangue

no céu terei sempre um pedaço de lua de açúcar, e uma estrela para iluminar teu rosto de árabe antigo"

Al Berto
MAR-DE-LEVA
(sete textos dedicados à vila de Sines), 1976

Cemitério dos Mouros
Necrópole da Idade do Bronze
Herdade do Pessegueiro

Peças do Tesouro do Gaio
Século VII a.C.
Museu de Sines

Planta da vila de Sines, Descrição do Reino de Portugal, fl. 61
Alexandre Massai
Inícios do Século XVII
Lisboa, Museu da Cidade

A Ilha do Pessegueiro

"No litoral dos Sefes encontra-se a Ilha de Petânion e um amplo porto."

Rúfio Festo Avieno
ORA MARÍTIMA
Século IV

O Forte do Pessegueiro

"E mais adiante pouco está a ilha do Pexigeiro que dista da de Vila Nova de Mil Fontes duas léguas e da Vila de Sines três, nesta ilha ao presente não mora ninguém, nem tão pouco em terra firme se não é meia légua longe da costa, nela se embarcou o senhor D. António prior do Crato quando se foi deste reino e porque eu dela devo dizer e advertir alguma coisa, portanto tenho feito dela e de sines fortes traças que são os que ao diante se seguem.

"Deram por informação ao Serenissimo Cardeal, Arquiduque de Áustria que Deus guarde, que cerrando-se de uma ponta da sobredita Ilha do Pexigeiro, até um penedo que se diz o cavalo que dista dela 85 braças que como o dito cerramento se ficaria ganhando um formoso e seguro porto cómodo para recolhimento do muito género de embarcações, e que as tais ficavam seguras de todos os ventos, e que juntamente no mar dela se podiam armar duas ou três armações de atum e sardinha como no Algarve, e que tudo seria de grande proveito e utilidade para a fazenda de Sua Majestade, e de grande cómodo para os mareantes por não haver naquela costa porto seguro onde se meterem nos fortuitos tempos, e juntamente de grande utilidade para os pescadores que ali fossem pescar e que fazendo-se seria causa de se vir a povoar aquela terra desabitada e nela vir-se a fazer uma grande vila ou cidade. (...)

E por suceder neste tempo irem de guerra os ingleses, os quais

Pessegueiro, Forte da Ilha e Forte de Dentro, 2006

Ilha do Pessegueiro, 2006

vieram à dita ilha muitas vezes e a última com cinco naus para estorvar a obra os quais roubaram e queimaram a fábrica e quanto nela havia com assaz perda e despesa, e então se assentou no conselho de Sua Majestade que em terra firme quase defronte da mesma ilha se fizesse um forte para ofensa e defesa da entrada do porto e surgidouro. E do modo que a diante se verá assinalado, que é também ordem do sobredito Filipe Terzi no qual se continuou com o trabalho e cópia de gente até fim do ano de 1598, e não dos baluartes dele que se entrincheirou e pôs em defesa quatro peças de artilharia e 6 mosquetes e 25 arcabuzes com suas munições e a mim se entregaram por mandado de Sua Majestade. (...)
Nem parecendo o acima defesa bastante porque os sobreditos corsários se vinham com seus navios detrás da dita ilha, sem poderem do dito baluarte de terra ofender e faziam ordinário afrontas aos trabalhadores afim de estorvar a dita obra, por respeito dos navios que ali se vinham pôr em salvo, eu dei de tudo conta aos governadores do Reino, que então eram cinco, e se assentou de novo no seu real conselho que dentro da mesma ilha se fizesse outro fortezinho para segurança e ofensa e morada dos trabalhadores da dita obra, o qual se fez por minha ordem e traça, e da grandeza e modo que adiante se verá também assinalado, e nele as declarações necessárias, o qual se acabou em fim do ano de 1598."

Alexandre Massai
DESCRIÇÃO DO REINO DE PORTUGAL, 1621

Nossa Senhora da Assunção
Século XVIII, meados
Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas

Ribeira do Queimado

(limite Sul do Concelho)

"Pelos anos de 1660, pouco mais, ou menos, entraram os Mouros por aquela Ilha, (o que faziam muitas vezes com as suas lanchas, a roubar, e a cativar os Cristãos que podiam, porque não havia nela a fortaleza que hoje tem, e fabricou por ordem de El-Rei o Capitão João Rodrigues Mouro, a qual tem guarnição de Soldados com artilharia para sua defesa, e daquelas Aldeias, e povos, que por ali há) e foram à Ermida[15], aonde o Ermitão se defendeu valorosamente, matando a muitos deles, mas como não houvesse quem o pudesse socorrer, e fosse ele só, e os Mouros muitos, prevaleceram contra ele, e o mataram. Roubaram o que o Ermitão tinha, e o que havia na ermida, e como inimigos da Fé, e do culto, e veneração das Santas Imagens, tomaram a da Senhora, e a foram lançar em uma balsa de silvados, e de outros matos, que ali perto havia, por onde corria um regato cheio do mesmo mato e silvados, e lhe puseram o fogo. Arderam aqueles matos, e silvas, e no entretanto se foram os Mouros. E acudindo depois a gente, vendo a Ermida roubada, e que nela não se via a Imagem da Senhora, acudiram ao fogo, e vendo ao silvado todo reduzido a cinzas, se viu no meio delas a Imagem daquela Senhora, (a quem nem os espinhos da culpa, nem o fogo do pecado pode jamais ofender) ilesa, e toda bela e formosa; porque o é essencialmente *tota pulchra*, e mais resplandecente que o Sol.

Depois com esta grande maravilha acudiu a gente, e se restituiu a Senhora à sua Casa com muita alegria de todos, aumentando-se com este milagre muito mais a devoção antiga da mesma Senhora; e ela acrescentava com as suas maravilhas, que continuamente obrava."

Frei Agostinho de Santa Maria
SANTUÁRIO MARIANO, 1716

A cidade que vem

"Chegaram as máquinas para talhar a cidade que vem
das águas cresce a obra do homem, ouve-se um lento grito d`espuma e suor
na memória ficaram os sinais dos bosques ceifados, as dunas desfeitas e algumas
casas abandonadas

estenderam-se tubos prateados, onde escorre o negro líquido
levantaram-se imensas chaminés, serpenteiam auto-estradas na paisagem
irreconhecível do teu rosto

onde estarão as tâmaras maduras de tuas palmeiras?
e o perfume intenso das flores debruçando-se ao sol?
que murmúrio terão as pedras do teu silêncio?

a memória é hoje uma ferida onde lateja a Pedra do Homem, hirta como uma
sombra num sonho

e as aves? frágeis quando aperta a tempestade... migraram como eu?
aonde caminhas, Doce Moura Encantada?

ouço o ciciar dos canaviais dentro do sono, adivinho teu caminhar de beijos no
rumor das águas

tuas mãos de neve recolhem conchas, estrelas secretas, luas incendiadas... que o
mar esconde na respiração das marés

estremecem-me nas mãos os insectos cortantes do medo, em meu peito doído
ergue-se esta raiva dos mares-de-leva"

Al Berto
MAR-DE-LEVA
(sete textos dedicados à vila de Sines), 1976

Galp Energia, Refinaria de Sines
Sofia Costa, 2008

Notas

[1] No texto impresso constam "três barco", é certamente uma gralha do tipógrafo, pois mais à frente são referidas "trinta quilhas" e obviamente a Calheta não teria apenas capacidade para três embarcações, pelo que corrigimos o texto.

[2] Sines, de facto, pertencia em 1898 à Estremadura e ao Distrito de Lisboa, em consequência da reorganização administrativa liberal.

[3] Este retrato de Vasco da Gama, da autoria de Auguste Roquemont integra actualmente as colecções do Museu de Sines.

[4] Trata-se do Foral Novo, mas houve um primeiro, outorgado por D. Pedro I, a 24 de Novembro de 1362 que criou o Concelho.

[5] Cláudia de Campos escreveu esta obra, de recorte autobiográfico, baseando-se em Sines e nas suas gentes, mas camuflou essa realidade através da subtil alteração dos nomes de pessoas e lugares. Assim "Sines" é "Sutil", a Senhora das Salas é a Senhora da Rocha, os "Pidwell" são os "Lentz", etc.

[6] Esta calçada foi profundamente beneficiada na década de 1930, e apresenta-se hoje bem mais suave, articulando-se com patamares ajardinados e escadarias.

[7] Esta ara foi levada por Leite de Vasconcellos para o actual Museu Nacional de Arqueologia.

[8] Leite de Vasconcellos foi o último a dar notícia das relíquias que registou em gravuras em "De Terra em Terra". Depois desta data desconhece-se o seu paradeiro.

[9] A casa original foi demolida em finais do séc. XIX e no seu local foi construída a actual, que nada conserva da primitiva edificação.

[10] "Senhora das Salas" é a designação original da ermida. Desde finais do Séc. XIX vulgarizou-se a corrupção "Salvas" de fundamento lendário muito discutível.

[11] As peças mais importantes deste espólio podem ser hoje admiradas no espaço museológico do Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas.

[12] As "relíquias"eram compostas, para além das ossadas humanas de um ídolo placa, de xisto e uma taça de barro, de que se conhecem desenhos de D. Frei Manuel do Cenáculo e de Leite de Vasconcellos. Por estes podemos concluir que se tratava de um monumento funerário da Idade do Bronze.

[13] O seu largo, a que se resumia inicialmente a povoação, é um dos nossos melhores exemplos de urbanismo iluminista e está classificado.

[14] Trata-se do "Banho 29" e na realidade realiza-se a 29 de Agosto.

[15] Da ermida não restam vestígios. Situava-se a sul da ribeira, em terras do actual concelho de Odemira.

Bibliografia

AL BERTO – *O Medo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

AVIENO, Rufo; FERREIRA, José Ribeiro, trad. – *Orla Marítima, Avieno*. 2.ª edição em português. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

CAMPOS, Cláudia – *Elle*. 2.ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1997.

CAMPOS, Cláudia – "Sines". In *Índia*. [S.l.]: [s.n]. n.º único, [1898] p.14--16.

DA OCIDENTAL PRAIA LUSITANA, VASCO DA GAMA E O SEU TEMPO, Catálogo da Exposição. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Câmara Municipal de Sines, Administração do Porto de Sines, Diocese de Beja, Lisboa: 1998.

FALCÃO, José António – *Memoria Paroquial do Concelho de Sines em 1758*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1987.

GUEDES, Lívio da Costa – *Aspectos do Reino de Portugal nos Séc. XVI e XVII, a "descripção" de Alexandre Massaii (1961): II Tratado*. Separata do 58.º volume do *Boletim do Arquivo Histórico Militar*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar, 1989.

LOPES, Francisco Luiz – *Breve Notícia de Sines, Pátria de Vasco da Gama*. 2.ª edição fac-similada. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1985.

MARQUES, A. H. de Oliveira [et al.] – *Chancelaria de Dom Pedro I*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Cientifica, 1984.

RESENDE, André de – *As antiguidades da Lusitânia*. 1.ª edição fac-similada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano, e Histórias das Imagens Milagrosas de N. Senhora, e das Milagrosamante Apparecidas*. Lisboa: [s.n], 1716.

SOLEDADE, Arnaldo – *Sines, Terra de Vasco da Gama*. 3.ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1990.

STEINER, George – *A Ideia de Europa*. 3.ª edição portuguesa. Lisboa: Gradiva, 2006.

VELHO, Estêvão de Lis – *Exemplar da Constância dos Martyres, em a vida do Glorioso S. Torpes*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1746.

JORNAIS

SILVA, Júlio Gomes – "Sombras do passado: A festa da Sra. das Salas". *A Folha de Sines*, Sines. n.º 4 (15 de Ago. de 1919) p. 2.

SILVA, Júlio Gomes – "Quadros da minha Terra – II os Penedos". *Renovação*. Sines. n.º 7 (15 Nov. 1931) p. 4.

IGNOTO – "Impressões". *A Folha de Sines*. Sines. n.º 3 (1 de Ago. de 1919) p. 3.

JÚNIOR, Júlio – Quadros da minha Terra – panorama. *A Folha de Sines*. Sines. n.º 1 (1 Jul. 1919) p. 1-2.